brasileiro corroborem as previsões do Usda. Afinal, permanece uma diferença de quase 2 milhões entre as duas estimativas. Ainda assim, a segunda estimativa do Denac é 2,78 milhões de sacas superior à primeira, divulgada em janeiro.

Ainda que divergentes, ambas as estimativas apontam para uma mesma perspectiva: a disponibilidade de café brasileiro em 1998/99 suplanta a quantidade normalmente absorvida pelo comércio externo e pelo consumo doméstico. Ainda que as exportações cresçam para 18,5 milhões de sacas, como prevê o Usda (14,35 milhões nos 12 meses findos em maio de 1998) e que se utilize a estimativa de produção do governo brasileiro, o estoque final de 1998/99 deve ser cerca de 3 milhões de sacas superior ao estoque inicial.

A situação não é tão preocupante, até porque o estoque inicial da safra corrente é baixo, conforme todas as estimativas disponíveis no mercado. Mas não há, a menos que ocorram geadas no Brasil, perspectiva de aperto de oferta. A taxa de juros no Brasil permanece extremamente alta e o financiamento de comercialização não estimula mais firmemente o carregamento de estoques. Ou seja, estamos diante de um quadro de preços, ainda remuneradores, mas claramente baixista.

Nesta situação, é extremamente importante que se criem condições para que o excedente de produção não venha a ser transferido ao exterior. A experiência recente do mercado de café indica que estoques em países consumidores têm efeito muito mais baixista do que teria a mesma quantidade armazenada nos países de origem.

É o momento de as principais lideranças da cafeicultura fortalecerem entidades como o CDPC e a APPC buscando, principalmente, meios de estimular o crescimento da demanda mundial.

Email: regis@fgv.br

CONJUNTURA DO AGRIBUSINESS

MILHO

ROGÉRIO FERREIRA DE SOUZA

Choque de oferta e demanda

Os preços no disponível permaneceram em queda, com o indicador do milho FGV-BM&F batendo em US$7,30 sc/60kg.

Falta de liquidez, preços baixos e mercado disponível desabastecido – três fatores que sintetizam bem o mês de junho no mercado do milho. Esses fatores interagem com uma nova postura de comercialização e um novo perfil do mercado, nos quais os agentes que participam da cadeia agem com cautela e aguardam o momento certo para a tomada de decisões.

Os preços no disponível permaneceram em queda durante todo o mês, com o indicador do milho FGV-BM&F batendo em US$7,30 sc/60kg. Mas esse valor mínimo não deve ser considerado suporte para o milho disponível, segundo alguns compradores do produto que acreditam que, com a entrada da safrinha, o indicador FGV-BM&F deverá recuar ainda mais, chegando a US$7,00 sc/60kg.

Do lado da oferta, no entanto, reduziu-se a quantidade ofertada e acredita-se em melhores preços a partir de agosto.

Esse choque de oferta e demanda no disponível refletiu também no mercado futuro do milho na BM&F. O contrato para entrega em julho acompanhou a trajetória de queda do indicador FGV-BM&F; no início do mês o contrato era cotado a US$7,93 enquanto o indicador era de US$7,66, ou seja, um diferencial de preço de US$0,27. Já quase na entrega do contrato o diferencial chegou a US$0,16, voltando a diminuir no vencimento do contrato. A falta de negócios efetivos no disponível enfraqueceu um pouco o mercado futuro de milho, reduzindo o número de contratos negociados em relação ao mês anterior.

O cenário para as próximas semanas dependerá exclusivamente do clima, que irá estabelecer o andamento da colheita da safrinha nas regiões produtoras. Mesmo que os preços caiam por causa da safrinha cheia, que aumentará a disponibilidade interna do produto, os preços a médio e longo prazos deverão se recuperar. Essa recuperação no fim do ano e os bons preços no início serão fatores de extrema importância para a decisão de se plantar mais milho ou mais soja na próxima safra.

E-mail: roger@fgv.br

Indicador do milho FGV-BM& F e os contratos futuros (julho e setembro)

